



N.º 105 — LISBOA, 12 DE JANEIRO

3.
ANO
1905

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois d. publicado 40 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 2100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 12500 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua 10 Almada, 32 e 34

UMA RECITA INGLEZA NO THEATRO NORMAL



GIL VICENTE — Tu percebestes alguma cousa?
GARRETT — Eu, nem patavina.

Um anno novo e um velho facto

Entrou o anno novo sem empeno. Hoje em dia, um anno a mais é sempre uma esperança a mais. Os tempos andam no seu estado interessante. Espera-se sempre que os novos annos tragam consigo alguma coisa.

Mas realmente espera-se—o quê? Rigorosamente, não se sabe.

O genero humano pede innovações eis tudo.

Quaes?

Todas. As sociedades estão insatisfeitas com a sua organização. O homem está insatisfeito com a sua sorte.

Pede-se moral. Pede-se direito. Pede-se justiça. Pede-se pão. Alguns pedem tambem manteiga.

Mas—objecta-se—ha moral, ha direito, ha justiça! Ha, mas insufficiente. Ha pão, mas não ha pão que chegue.

Todos os annos, pelo Natal, o genero humano espera a Sorte Grande da felicidade, ou, para que assim o digamos, a felicidade aberta em cautelas e enriquecendo equitativamente a totalidade dos homens.

Estamos n'uma época de superstições, da qual tudo se espera: tremores de terra, golpes de Estados, revoluções e chuvas de frangos com ervilhas.

Assim tambem cada anno novo que vae ficando para traz, no calendario, sem significação e sem historia—é uma decepção.

O anno de 1904 não teve historia.

Uma data, quatro algarismos—que é isto? Coisa alguma. Mas metta-lhe dentro um facto e ella ficará rebrilhando eternamente.

O seculo dezoito teve, como todos, cem annos. O unico seculo que se tem subtrahido por ora a este regimen é o da rua Formosa. Pois bem! Em todo esse longo e accidentado lapso de tempo, no seculo dezoito só uma data apparece a brilhar com uma luz immorredoura—1789; e tão grande ficou sendo a sua significação, tão extraordinario o seu prestigio que o genero humano passou a designal-o por esta especie de diminutivo, ao mesmo tempo familiar e grandioso—89. Diz-se Oitenta Nove como se diz Cesar, Annibal, Napoleão, Tito.

Oitenta e Nove é inconfundivel. Oitenta e Nove não pôde ser o numero de uma porta, o numero de um camarote, ou o numero de um vigesimo. Oitenta e Nove é a Liberdade. Oitenta e Nove é um anno illustre. O anno passado não o foi. Teve biographia, como toda a gente, como o sr. Marquez de Franco ou como o sr.

Carvalho Monteiro. Cooperou, deu algumas esmolhas, distribuiu algumas senhas da Cosinha Economica e abriu algumas ruas novas. Mas pouco mais. Passou. Esqueceu.

Estará porventura o anno de 1905 destinado a occupar um logar mais brilhante no tempo e na historia?

Como sabel-o? Incessantemente o Progresso, ao qual se convencionou attribuir todas, como aos trens—caminha. Mas como caminha? Sem apparente logica, sem apparente itinerario, parando aqui, parando ali, enclanchando, desenranchando-se e por vezes mesmo retrocedendo para avançar de novo com verginosa velocidade, umas vezes, com horrivel lentidão outras.

Conhecer com anticipação a derrota exacta do Progresso, é, pelo menos, tão ousado como saber para onde vae o sr. Fuschini. O Progresso é o imprevisito. O Progresso é amanhã de manhã, o Progresso é logo a tarde. O Progresso é um telegramma que chega, o Progresso é uma carta que parte. O Progresso é um trem que se volta á esquina de uma rua, o Progresso é um figurão trepando a um banco n'uma praça publica.

Todos os annos em que um destes factos cômicos e momentosos se produz, estão habilitados a gosar do privilegio de uma situação fulgurante no calendario e no tempo. 1905 pôde ser um grande anno, como a creança que nasce pôde ser um grande homem.

Entretanto, que começa elle por fazer?

Eleições.

Para quê?

Estando averiguado que as nossas maiorias são ignaras, o predomínio das minorias está naturalmente indicado que deva ser systematico.

A maioria da nação é inerte. A outra parte governa. Não ha soberanias: ha privilegios. Não ha delegações: ha investiduras. As eleições, n'estes termos, não passam de formalismos tão inuteis, quanto dispendiosos.

Uma minoria prevalecerá sempre, despoticamente. Que importa que seja esta, ou aquella?

O municipio está n'um regimen de tutela. N'um regimen de tutela está o paiz.

Quatro milhões de analphabetos—é isto porventura uma nação? inquiria ha tempos um espirito receioso. Não. Não é uma nação. Quatro milhões de analphabetos significam, com pequenas variantes de structura exterior, quatro milhões de cabeças de gado.—O homem é um animal.

O que fazem então aquelles que dizem representar as aspirações d'este grande rebanho occidental?

Falsificam.

Assim como se fabrica moeda falsa, assim se fabricam poderes. Todos

os poderes em Portugal são falsificados, porque ninguém os outorga.

A grande maioria do paiz não tem senão aspirações de bem-estar material: a agricultura quer sol e chuva a tempo e horas, a industria quer patras, o commercio bons cambios, o functionalismo ajudas de custo, o operario, férias. Aqui é ali pede-se uma transferencia de comarca, uma estrada, um apoiadeiro, uma caixa do correio, ou um feriado. Nada mais.

Collectivamente, o paiz não pede coisa alguma, nem delega poderes para que peçam em seu nome. De consciencia, solidariedade nacional, não ha vestigio. Tudo quanto é collectivo em Portugal é organizado no ministerio do reino. Sem o forte impulso dos governadores civis, a nação não se meche.

Sem a disciplina das auctoridades, não haveria eleições. O cidadão exerce o suffragio por obrigação e dependencia. Nalguns circulos é preciso arremittal-o e leva-o para a urna debaixo de forma. Em Lisboa e no Porto votam, para maior commodidade, as corporações organizadas militarmente, como a policia. Os empregados publicos votam para se manterem nos seus logares, os trabalhadores para obedecerem aos seus feitores. Vota-se para fazer favor a um amigo que nos collocou um afilhado, ou nos descontou uma lettra.

Assim, as eleições são systematicamente a obra do poder. As eleições são regeneradoras, se o poder é regenerador. Progressistas, se poder é progressista. O eleitor não é um cidadão, mas tão somente um homem que vae fazer um recado. Breve virá o tempoem que os portuguezes mandem votar, como já mandam buscar o ordenado. Ser empregado publico e não ir á repartição—ó sonho! Ser eleitor e não ir á urna—ó chimera!

Assim reduzidas as attribuições do paiz, elle está por longo tempo condemnado a não poder aspirar legitimamente nem ao legitimo opprobrio das situações improgressivas, nem á gloria legitima das situações ascendentes. A nação está decadente, mas essa mesma decadencia não é obra sua. O remoto passado, o jesuita, a inquisição, os diamantes do Brazil, a canella da India, a Grã-Bretanha e o dissipado presente, as constituições, e systema liberal, o Rodrigo da Fonseca, o Fontes, e os srs. José Luciano e Hintze Ribeiro taes serão os seus unicos antefores para o caso de um justo apuramento de responsabilidades. Que ella amachá renasça e ainda não será sua a gloria do seu renascimento, mas d'aquelles que, por seu alvedrio e seu capricho, tomarem a peito a obra de a fazer renascer. Quando fôr mister distribuir os louros da victoria todos serão chamados, menos o paiz, porque o paiz não terá mettido para essa obra nem prego,

nem estopa. Minorias, partidos, facções, individuos dizendo-se sempre representantes da sua vontade, procederão por elle, em todos os tempos e sob todos os systems, enquanto elle não fór senão um agglomerado de instinctos, d'apetites, de fomes e sêdes irracionaes.

JOÃO RIMANSO.



Oração aos tomates

Tomate! ó fructo de vermelha côr,
Trinta furros acima do melão,
A quem, com mil carradas de razão,
Chama o sabio francez *pomo d'amor!*

Tu dás d'um Savarin o alto valor
Ao cozinheiro, ainda o mais podão...
E mereces, portanto, esta oração
Que offerto por dever, não por favor!

E's sublime na calda que tu dás,
Em todos os guizados calhas bem,
E sem ti caldeirada ninguem faz!...

E, para não faltares a ninguem,
Na Praça da Figueira, essa onde estás,
Em preço médio, custas um vintem!



Astronomia popular

Com a devida vénia reproduzimos de um jornal de Lisboa o seguinte pequeno trecho de sciencia para todos:

«... A's vezes uma estrella parece ter-se apagado no firmamento, e o observador pensa que o seu telescopio está fóra do fóco, ou que a sua objectiva está suja; mas não tarda em descobrir que a explicação não é essa, e que, empregando um instrumento mais poderoso, vê que a estrella se desdobra em duas e se apresenta dupla.

Então, com o auxilio de um delicado instrumento chamado micrometro, e collocando a estrella maior bem no centro, torna-se facil ler a posição angular da outra. Comparando-se esta com a posição angular tomada vinte e cinco annos antes, pode-se calcular a distancia que percorreu durante um quartel de seculo; e chega-se á conclusão estupenda de que essas estrellas, se acham na realidade a tal distancia entre si, que algumas vezes o giro de uma ao redor da outra leva quinhentos annos a effectuar-se».

O que acontece com as estrellas do céu, é o mesmo que acontece com as estrellas dos nossos theatros.

E' por isso que algumas d'ellas levam tantos annos a passar.

O Casamento a longo prazo

Georges Meridith, do olympico retiro onde vive, cercado da admiração universal, sugere um remedio audaz para a decadencia do casamento. O contracto conjugal, diz elle, deveria valer por um periodo de dez annos, por exemplo, durante o qual os esposos realisariam economias destinadas á educação da prole, encarregando-se o Estado de guardar esses fundos. A experiencia decenal bastaria para demonstrar se elles tinham vocação para a vida conjugal. No caso affirmativo, renovava-se o contracto por um novo periodo; no caso contrario, o casal separava-se amigavelmente, para cada qual tentar uma nova experiencia, ou resignar-se á solidão. Em todo o caso—acrescenta Meridith—teriam ambos cumprido o dever civico da conservação da raça.

Veriamos então nos *high-lifes*, nos *carnets mondains* e nos *eccos da sociedade*, pequenas noticias d'este genero:

«Na igreja do Socorro, reuniram-se hontem matrimonialmente por um periodo de dez annos, que deve terminar em igual dia e hora do mez de Janeiro de 1915, a Sr.^a D. Fulana de Tal, gentilissima filha do opulento banqueiro Fulano de Tal, com o nosso amigo Cicrano».

Ou então:

«A muito digna esposa do nosso amigo Cicrano, do Ministerio do Reino, cumprindo o sacratissimo dever civico da conservação da raça, acaba de dar á luz uma robusta creança do sexo masculino.

Com destino á futura educação de este primeiro fructo do seu matrimonio, o nosso amigo entregou hoje mesmo na Caixa Geral dos Depositos a quantia de 825 réis, producto de economias do casal, durante os nove mezes decorridos depois do auspicioso enlace.»

Ou ainda:

«Passou hontem o primeiro periodo decenal do matrimonio para os Srs. Condes de Beltrano, que a tão memoravel data quizeram reunir a do baptisado do seu 12.^o filho, realisando-se a solemne festividade na capella do palacio dos nobres titulares.

Os Srs. Condes, escusado será dizer-lo, renovaram por mais dez annos o seu contracto de casamento, com o que sinceramente muito nos regosijamos».



Mania metrica

Os jornaes de larga informação, dando noticia da chegada dos Duques de Connaught a Lisboa, e descrevendo o cortejo que se formou no caminho do Arsenal para o Palacio de Belém, diziam:

«A primeira carruagem era occupada pelos senhores Duques e Sua Majestade El-Rei. O cocheiro era Luiz do Nascimento; o trintanario, Ignacio dos Santos; o sota, Machado.

A segunda carruagem conduzia as Princesas Margarida e Victoria, e Miss Pelley, sua dama de companhia. O cocheiro era José dos Santos; o trintanario, José da Costa; o sota, Faustino.»

Etc.

A isto se convencionou chamar «larga informação».

Achamo-la estreita.



Herões do mar

Paris, 4. O Sr. Chantard, presidente da quarta commissão do Conselho Municipal, terminou o seu relatório concernente aos nomes a dar ás novas ruas abertas em Paris, e bem assim a outras cujos nomes têm de ser substituidos. Entre as primeiras figura a Rua de Vasco da Gama.

E' já um passo!—acrescenta o jornal d'onde tiramos este telegramma.

Como quem diz: «Ainda lá havemos de ter um Boulevard Ferreira do Amaral!»



Melhoramentos do Porto

Um correspondente do Porto para um jornal de Lisboa afirma que o velho burgo portuense va soffrendo, em cada dia que passa, uma transformação nova, e adquirindo uma feição architectonica moderna; mas lastima que ainda não tenham sido demolidas tantas viellas, congostas, betesgas, ilhas, becos e outros fócos de infecção, que por lá existem e onde pullulam microbios que a arguta bacteriologia ainda desconhece. E cita:

As visinhanças da Sé;
o Barredo;
S. João até Miragaya;
os Ferros Velhos...
Esqueceram-lhe porém:
Os Pestanas;
os Araujos;
a Palavra;
e o Samodães!

A PAZ E A GUERRA



Amor platónico

O vicio do fumo

O *Seculo*, alludindo á lucta entre a Companhia dos Tabacos e a Companhia dos Phosphoros, e á ostensiva parcialidade que tem havido e continua a haver da parte dos governos para com a primeira, pergunta:

«...O que ha a esperar num meio social onde a lei se torce ao arbitrio de uma empreza particular, onde a moralidade é um estorvo que se remove com uma ameaça ou um punhado de ouro, e onde a propria constituição, com o seu poder judicial, que constitue o supremo refugio dos opprimidos, e dos que têm sede de justiça, deixou de offerecer as suas garantias fundamentaes?»

Ora, o que ha a esperar!
Que a Companhia dos Phosphoros seja tambem attendida.

Portugal no Estrangeiro

Um laureado escriptor francez, Mr. Henri Faure, que já traduziu Herculano e Garrett, começou a traduzir agora a Sr.^a D. Anna de Castro Osorio.

Mr. Faure, como se vê, não é somente um amigo das nossas lútras; é-o tambem das nossas tretas.

As surpresas da estatística

A direcção das cadeias civis de Lisboa enviou á direcção de Estatística os mappas relativos á entrada e saída de presos durante o anno findo, vendo-se por esses mappas que o movimento de entradas foi de 4:663 varões e 1:781 fêmeas.

Para uma cidade como Lisboa — já é bonito!

Charada mal figurada

Entraram tambem para a redacção do novo jornal regenerador—*Noticias de Lisboa*, os Srs. Antonio Kuhnbuck Villar e Arthur Urbano de Castro. Já lá estão desoito.

Curioso jornal é este: a gente só vê entrar redactores e não vê sair nem um numero!

Maravilhas da oração

Andam sendo agora muito annunciados uns aparelhos «com os quaes — diz o fabricante — adaptando-os ao piano, e sem noções nenhuma de musica, se pode tocar magistralmente só piano, ou sómente orgão, ou conjunctamente orgão e piano, produzindo efeitos orchestraes admiraveis.»

Entre um d'estes aparelhos e um diploma do Real Conservatorio, não ha hesitação possivel.

O laconismo do telegrapho

Telegrapho o correspondente de Leiria para a *Tarde*:

«Leiria, 5. Tres professores provisórios do lyceu d'esta cidade, dois d'elles filiados no partido regenerador, acabam de ser demittidos pelos meios mais violentos.»

A tiro?

A pontapé?

A socco?..»

O' cruel incerteza!

Profissões trocadas

Um echo da visita dos Duques de Connaught, repercutido nos jornaes:

«Todos os serviços de estofados, agora feitos no Paço de Belém, foram dirigidos pelo moço de sala Joaquim Ferreira.»

Ainda havemos de ver o estofador Alcobia a dirigir um serviço de foflhados.

Soneto realista

Amigo, bom amigo, estou em ancias
A's quaes eu não sei bem como resistir...
Como tu sabes, tive boa vista,
E agora calcular não sei distancias!...

Não sei do meu dinheiro as importancias,
Parece-me que estou mesmo á fadista...
Sei que parei á porta d'um droguista
Para chorar fataes extravagancias!...

Receitou-me a policia uma somneca...
Para a esquadra tambem me quiz levar
Quando passei na rua da Horta Sêcca!...

—Tuas ancias provém d'um louco amar?!
—Quel historia!... da grande camoêca...
Não são ancias d'amor, são de lançar!

GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Os filhos:—êlos dourados
D'uma afeição não mentida,
Rosas de breves instantes,
Espinhos de toda a vida.

João de Deus.

GLOSA

O pae, que nunca repousa
Soffrendo á vida os percalços,
Traz pão aos filhos descalços
Depois de lida afanosa:
Contra uma faina amargosa
Não sólta amargosos brados;
Quer vêr alegres, corados,
Os que ama do coração...
Da cadeia humana são
Os filhos êlos dourados.

O pae adora o seu filho,
Se é pae que sabe ser pae;
Levanta-o quando elle cêe
Por seguir errado trilho:
Do saber quer dar-lhe o brilho
Para lhe aplanar a vida;
D'uma existencia opprimida
Lida por torna-lo isento,
Cerca-o a todo o momento
D'uma afeição não mentida.

D'um pae, fervente amar,
Os filhos, os mais dilectos,
Desmaiam nos seus affectos
Apenas sêem do lar:
Se má estrella os guiar
Procuram loucas amantes;
Do pae a esforços prestantes
Não dão a devida palma...
São, portanto, os filhos d'alma
Rosas de breves instantes!

Nem sempre a sorte é fatal...
Os filhos podem ser bons
Se o céu lhes offerta os dons
Que ensina a lei da moral:
Mas se os filhos andam mel
Porque a preguiça os convida,
Se trazem sempre esquecida
Do Eterno a santa lição...
Os filhos apenas são
Espinhos de toda a vida!

VENANCIO.

Os Thesouros

O Sr. Pereira de Miranda convidou, um dia d'estes, todos os seus collegas do Ministerio a visitarem o thesouro da capella de S. João Baptista, pertencente á Misericordia.

Foram, admiraram, e, á saída, dizia então o Sr. Espregueira para os outros:

—«Eu bem queria tambem corvidar vocês a verem o meu... Mas para verem o quê, afinal?»

S. Ex.^a alludia ao Thesouro publico.



Como é bonito

Como é bonito andar de sege
E ver os mais lama a calçar ;
Dar essa lei que ao povo rege,
E boa sãe... por um calhar !

Como é bonito e como é bello
De galopins ser capataz ;
Metter a *diclia* n'um chinello
Quando ella quer fazer-se auzad !

Como é bonito entrar no paço,
Ter fardalhão a reluzir ;
Emprego dar ao bom madraço
Que a prenda tem de bem dormir !

Como é bonito ser ministro,
Trazer correio atrás de si ;
Ver os seus actos em registro
N'um *Diário*,... o qual eu nunca li !

Como é bonito a palidonia
Saber cantar, quando convém ;
Ver o retrato na *Parodia*,
Vendido ao *Zé* por um vintem !

Como é bonito, quando a Parça
A thesoutrada ferra stros,
Estatua, ter como Petrarca,
Da mais melhor pedra lioz !

SIMPLOGO



EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes das provincias, de que mandamos para cobrança ás diferentes caixações postaes.— os recibos das suas assignaturas, que ali poderão ser pagas.

Lembramos que a demora no pagamento e a causa nos graves transtornos, e obriga a devolução dos recibos, o que vem augmentar a despeza das estampilhas.

Estão promptas e á disposição dos srs. colleccionadores, as capas para o 2.º anno d'este semanario. O seu preço, como nos annos anteriores, é de 700 réis ou 740— pelo correio.

Todos os pedidos, tanto os dos srs. colleccionadores, como os de revendedores, devem ser dirigidos ao sr. Paulino Ferreira, Rua Nova da Trindade, 126, Officina de Encadernação.

Egualmente os nossos agentes deverão fazer as suas encomendas áquelle sr. que as satisfará nas condições usadas por esta administração nos demais annos.



Peço a V. Ex.ª a fôrça de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

Capas para encadernação

DA **PARODIA**

OFFICINA DE ENCADERNADOR

FUNDADA EM 1874
Paulino Ferreira
126, Rua Nova da Trindade, 126
LISBOA

Esta officina tomou sobre si, de accordo com a Empresa a venda das capas *Parodia Comedia Portugueza*, que de hoje em diante podem dirigir os seus pedidos de capas, mantendo os mesmos contractos que a antiga empresa mantinha com os seus agentes, assim como recebe os volumes para metter na capa ao antigo preço de 200 réis. Esta assa incumbê se de todo o trabalho que diz respeito a encadernação.



ORTHOPEdia

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS
Fornecedor dos Hospitais Civis, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—LISBOA

UM CONSELHO D'AMIGO

Uzae, se soffris de qualquer das doencas abaixo innumeradas, o de-purativo *Dias Amado* esse preparado cujos effectos tem asombroso milhares de doentes condemnados a soffrerem eternamente. Para que vos fique desde logo a convicção intima de que estaes em presença do unico remedio que vos pode garantir uma cura e consequentemente a tranquillidade do vosso espirito e do de todos os membros da vossa familia— uzae como experiencia, apenas 3 frascos, que elles serão sufficientes para que encontreis o caminho rapido e certo do restabelecimento. Gerantimos a vossa cura nas seguintes doencas: Utero e ovarios, tumores rheumatico, syphilis, chagas, escrofulas, olhos, feridas e diabetes e em todas que provemham de impureza de sangue.

Deposito Geral—Pharmacia Ultramarina
RUA DE S. PAULO, 101, LISBOA
Preço de cada frasco, 12000 réis.



Ouvreria e Relojoaria

com officina propria de fabrico e concertos

FLORINDO
COM
Linha de
PREÇOS
Indistadissimos
99, RUA AOREA, 99

Companhia Real dos Caminhos de Feros Portuguezes

Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e do Minho e Douro.

Aviso ao publico

Por accordo entre as administrações combinadas é annullada, desde 1 de janeiro de 1905, a tarifa especial M. D. L. N. S. 8. n.º 1 de grande velocidade, em vigor desde 10 de março de 1870, para o transporte de passageiros entre varias estações das linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro, via Lisboa—Barreiro.

Pela via Veasdas Novas Setil são vendidos bilhetes directos e despachadas bagagens entre todas as estações das duas redes pelos preços das Tarifas Geraes.

Lisboa, 2 de dezembro de 1904.

O director geral da Companhia—Chapuy

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Successor de MANUEL DE SILVA

N.º telephonico 220—Endereço telegraphico *Papeltypo*

PAPELARIA Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenhos e todos os artigos p. escolas nas escolas.

TIPOGRAPHIA Trabalhos typographicos em todos os generos. Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.
Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gavoes, 69
LISBOA

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



Callista pedreiro

JERONIMO FERREIROS

Empregado da casa Ornellas

R. SERRA PINTO, 46, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e

Exsecução de unhas

pelas mais modernas

processos até hoje conhecidos.

Peço ao publico que visite este consulto para se certificar dos verdadeiros

resultados que ali se operam.

Das 9 as 5 da tarde

CASA NOVAES

Espeelhos, estampas e molduras, objectos para brindes do Natal, dias de festa e d'annos, grande sortimento de Carteiros e mailhes para senhores. Todos os dias se dão asinhas do

BONUS UNIVERSAL

Esta casa é a unica que vende a machina de escrever **ODELL**, pelo preço de 30000 reis, a mais pratica e solida.

CASA NOVAES

158—Rua da Palma—162

(Junto ao theatro do Principe Real)

MANUAL DE COSINHA

ELEIÇÕES

O CALDO ELEITORAL

Corria hontem que se acha feita uma combinação, em consequencia da qual virão á camara, que proximaemente será eleita, 27 deputados regeneradores, 5 franquistas, e 2 nacionalistas, 2 independentes e os restantes progressistas.

Do *Diario de Noticias* de 10 do corrente.



2.ª COSINHEIRA—Que tal?

1.ª COSINHEIRA—Deita-lhe mais uns franquistas e uma pedrinha de sal.

